



**SEMIFINAL** Referências de Croácia e Argentina, Messi e Modric têm lembranças de jogo de 2006

# Um encontro especial

DANILO QUEIROZ

Reivais na semifinal da Copa do Mundo de 2022, os craques Lionel Messi e Luka Modric estão com as carreiras nas seleções da Argentina e da Croácia bastante consolidadas. Amanhã, quando entram em campo no Estádio Icônico de Lusail, terão pela frente um dos confrontos mais importantes representando os seus países. Porém, um amistoso de 2006, quando os dois davam os primeiros passos como profissionais do futebol, traz lembranças inspiradoras na luta por um lugar na final do Mundial.

Em 1º de março daquele ano, argentinos e croatas realizaram um amistoso no estádio St Jakob Park, na Basileia, na Suíça. O compromisso serviu de preparação para as duas seleções antes da participação na Copa do Mundo da Alemanha. O jogo, porém, registrou marcas bastante especiais para as duas principais referências da semifinal do Catar. Com 18 anos, Messi marcou o primeiro gol pelo time principal alviceleste. Com 20, Modric realizou sua estreia pela Croácia e saiu de campo vencedor pelo placar de 3 x 2.

No amistoso, Messi surgia apenas como uma grande promessa do Barcelona. Em uma ingrata fila de 13 anos sem conquistas importantes, a Argentina via no jogador, que atuou com a camisa 19, um grande talento a vingar com o manto alviceleste. Um ano antes, por exemplo, o atacante havia sido campeão do Mundial Sub-20, na Holanda. A

estrela no time principal argentino tinha acontecido em 2005, quando o craque acabou expulso de campo.

Até por isso, o duelo contra a Croácia no ano seguinte foi tão importante para Messi. Com seis minutos de jogo, o atacante deu assistência para Carlitos Tevez empatar a partida — Ivan Klasnic abriu o placar um pouco antes. Duas voltas no cronômetro depois, o então camisa 19 arriscou um chute certeiro de fora da área e começou a escrever uma história. O gol da virada daquele jogo foi o primeiro dos 95 anotados até então em 170 partidas pela seleção da Argentina.

Dezesseis anos depois, aos 35 anos, Messi conta com um novo bom desempenho contra a Croácia para chegar à segunda final de Copa do Mundo da carreira. A primeira foi em 2014, quando o camisa 10 amargou o vice-campeonato para a Alemanha na edição do Brasil. “A Argentina está entre as quatro melhores do mundo porque mostra que sabe jogar todos os jogos com a mesma vontade e a mesma intensidade. A Croácia demonstrou que é uma grande seleção. Em alguns momentos, jogou de igual para igual com o Brasil. É uma equipe que vem trabalhando com o mesmo treinador há muito tempo e se conhecem muito bem”, comentou o craque após a classificação diante da Holanda.

## Modric

Camisa 10 e principal referência croata nos últimos anos, quando ajudou a seleção a chegar entre

Alfredo Estrella e Nelson Almeida/AFP



Camisas 10 das seleções croata e argentina, Modric e Messi têm missão de guiar os times para a final

os quatro melhores nos Mundiais de 2018 — vice-campeão — e de 2022 — atual semifinalista —, Luka Modric guarda a partida com carinho por outro motivo. Contra a Argentina em 2006, ele fez a estreia no time principal da Croácia. O jogo foi apenas o início da trajetória de 160 partidas do astro com a seleção.

Modric não teve uma atuação de grande destaque como Messi. Jogando com a camisa 14, a promessa croata de 20 anos começou a partida como titular. Ficou em campo por 84 minutos, quando o confronto entre europeus e sul-americanos estava

empate por 2 x 2, e deu lugar a Ivan Leko. Do banco de reservas, viu Dario Simic marcar o gol do triunfo nos acréscimos do encontro na Basileia.

Se não marcou contra a Argentina no amistoso antes do Mundial de 2006, o agora camisa 10 da Croácia teve uma outra oportunidade contra os hermanos que se tornou inesquecível na carreira dele. Na campanha do vice-campeonato da Copa do Mundo de 2018, na Rússia, Modric guiou a seleção croata para uma acachapante vitória por 3 x 0 na segunda rodada da fase de grupos. Desta vez, o craque

marcou um dos gols da partida e seguiu firme no torneio até chegar à decisão contra a França.

Amanhã, com as carreiras construídas com muitas glórias em seus clubes e seleções, Messi e Modric terão mais um encontro decisivo. Para um dos craques e camisas 10, garantirá uma vaga na final da Copa do Mundo e a chance de seguir com o sonho de título no Catar. Os dois têm motivos de sobra para lembrar do passado contra o adversário e utilizarem os feitos como inspiração para, mais uma vez, escreverem a história pessoal e dos seus países.

## MARROCOS

### Equipe precisa driblar o cansaço

Admirados pela campanha histórica no Catar, os marroquinos estão com a faca nos dentes esperando a semifinal da Copa do Mundo contra a França, que será disputada na quarta-feira. Mesmo animado, o time chega com a necessidade de dar um drible nas lesões e no cansaço do elenco para seguir fazendo história na competição.

“Sentimos dores, mas vamos nos preparar, não temos escolha”, contou o incansável meia Sofyan Amrabat, que começou o jogo contra Portugal sem estar 100%, mas diz ser preciso dar tudo e lutar até o final para seguir escrevendo a história da seleção africana.

“Já estávamos cansados depois dos 120 minutos contra a Espanha”, acrescentou o jogador da Fiorentina, uma das revelações do Mundial por sua voluntariedade inesgotável. Contra os portugueses, nas quartas de final, o técnico Walid Regra-

gui tinha perdido dois jogadores importantes: o zagueiro Nayef Aguerd e o lateral Nounsaïr Mazraoui. Ambos podem não estar recuperados a tempo. Jawad El Jamiq e Yahya Attiat Allah deverão continuar ocupando as vagas contra a França.

O treinador marroquino provavelmente também perdeu outra peça de seu sistema defensivo: o capitão Romain Saïss teve que ser substituído e saiu de maca contra Portugal. “Foi minha coxa, vamos ver. Vamos fazer exames”, explicou o defensor, que revelou ter jogado com “uma perna” durante 55 minutos nas quartas de final.

Ele levou a mão à parte posterior da coxa no momento do forte chute de Bruno Fernandes por cima do gol. “Já estava com dores antes do jogo”, lembrou. O zagueiro do Besiktas, da Turquia, continua acreditando em suas chances de recuperação. “Vou fazer de tudo para estar lá”, prometeu. “Quero ajudar minha equipe, mas

há momentos nos quais é preciso ser razoável e não ser um peso só por orgulho pessoal”, explica.

Sem Aguerd nem Saïss, Marrocos deverá jogar com a defesa reserva, escalando Achraf Dari e El Jamiq. Este último teve uma atuação sólida nas oitavas, mas Dari pode ter mais problemas para parar o trio de ataque francês, formado por Kylian Mbappé, Olivier Giroud e Ousmane Dembélé.

Marrocos tem a melhor defesa da Copa do Mundo, com um único gol sofrido, ainda no duelo da fase de grupos com o Canadá, quando Aguerd jogou a bola contra a própria meta. Os nomes do sistema, porém, pouco importam. “Defendemos com espírito de luta, em equipe”, destacou Sofyan Amrabat. “No futebol, as individualidades fazem a diferença, mas são as equipes que ganham jogos”, lembrou.

Para outros jogadores titulares, falta rodagem pelo pouco tempo em campo por seus clubes des-

Karim Jaafar/AFP



Marroquinos enfrentaram problemas de lesões nas últimas partidas

de o início da temporada. Salim Amallah está “na geladeira” do Standard de Liège, da Bélgica, por problemas contratuais. Já Hakim Ziyech jogou mais minutos na Copa do que na temporada com o Chelsea: 478 x 271.

“Temos que lutar mais do que

os outros, não temos as mesmas armas”, ressaltou o técnico Regragui. O discurso foi reforçado pelo meio-campista Amallah. “Sabemos que teremos que começar a trabalhar para o próximo jogo contra a França. Mas não temos medo de ninguém”, avisou.

## FRANÇA

FRANCK FIFE / AFP



Astro da seleção francesa se machucou e precisou deixar o torneio

### Cortado, Benzema envia apoio

O vencedor da Bola de Ouro nesta temporada, Karim Benzema, que ficou fora da Copa do Mundo por lesão, publicou, ontem, nas redes sociais uma mensagem de apoio à seleção da França, que busca o terceiro título mundial para o país.

“Vamos lá, pessoal. Mais dois jogos, estamos quase lá... Estamos com vocês”, escreveu Benzema no Instagram e no Twitter.

O atacante do Real Madrid, que sofre uma lesão na coxa em um treinamento poucos dias antes da estreia dos ‘Bleus’, ainda não tinha falado publicamente sobre o Mundial depois de ter deixado a concentração da seleção.

“Nunca desisti na minha vida, mas esta noite tenho que pensar na equipe, como sempre fiz, então a razão me diz para deixar meu lugar para alguém que possa ajudar o nosso grupo a fazer uma boa Copa do Mundo”, disse Benzema quando foi confirmado que estava fora do torneio no Catar.

O jogador passou alguns dias de férias na ilha de Reunião e voltou aos treinos com o Real Madrid no sábado, dia da vitória da França sobre a Inglaterra nas quartas de final do Mundial.

Benzema continua na lista oficial dos ‘Bleus’ no Catar, o que lhe permite receber uma medalha se os franceses forem campeões.

### Rostos conhecidos

Após perder para Tunísia na fase de grupos, os Bleus enfrentam outra seleção do norte da África e vários jogadores nascidos na França, como o capitão Romain Saïss e o ponta Sofiane Boufal.

Uma das estrelas do Marrocos, Achraf Hakimi joga no Paris Saint-Germain desde 2021. É amigo de Kylian Mbappé, que, ontem, o visitou em Doha no seu dia de folga.

O técnico Walid Regragui nasceu na região parisiense de Corbeil-Essonnes e desenvolveu quase toda sua carreira como jogador na França, passando por Toulouse, Ajaccio e Grenoble.

## Coluna do Mauro Beting



### Canarinhos expiatórios

Gostamos mais da faixa de campeão do que do futebol de campeão. Em nível de clube, não. Nosso time pode nos derrubar e nos derrotar. Seguimos com ele. Amor incondicional. Do berço ao céu. Até pro inferno. Mas, na seleção, e em outros esportes, só damos bola para quem ganha.

Odiamos jogar feio. Mas aceitamos vitórias assim. Até dos outros. Se o Brasil joga como as bravas seleções de Croácia e Marrocos sobrevivem no campo minado onde entregam tudo e até o que não têm, o nosso treinador seria excomungado e esquartejado como Tite (sobretudo no que não merece ou não controla). Mas, se nos vencem assim, desse jeito meio sem jeito, monstro Modric é exaltado como se tivesse atuado como Zidane excitou em 2006. Marrocos passa a jogar uma bola inexistente como se vissemos a partida com a consciência para lá de Marrakech.

Cem metros rasos de maledicência é esporte nacional como a farofa da Gkay. Precisamos ter mais equilíbrio ao incensar vencedores e ao incinerar derrotados. Todo campeão merece consideração e respeito. Não necessariamente admiração. Algo que derrotados vencedores como a Hungria de 1954, a Holanda de 1974 e o Brasil de 1982 merecem eterno carinho.

Respeito e educação, além de paciência, são essenciais em qualquer campo. Até para evitar tribunais do ofício do diabo como aconteceu em 1966. Vicente Feola convocou 46 jogadores para formar quatro times que não formaram equipe alguma na Copa na Inglaterra. O Brasil foi eliminado na fase de grupos. Jogaram 20 dos 22 convocados como se fossem pelo Exército daqueles dias e partidas de chumbo. Seis dos fracassados seriam tricampeões em 1970. Entre eles um dos que pior atuaram quatro anos antes.

Gerson era craque. Mas jogou mal na Inglaterra. Tanto que diziam que não tinham espírito de seleção. Justo quem foi cabeça, coração e canhota do tri. Se a talibancada da mídia e da mídia da torcida fosse ouvida nos seus muitos berros e alguns zurras contra Gerson, Zagallo não teria o Papagaio canarinho para carimbar as bolas e o tri.

História se repetiu como festa em 1994. Dunga foi execrado pela derrota lazarenta nas oitavas de 1990 para a Argentina. Todo time precisa de um Dunga. Não de tantos como escalou Lazaroni na Itália. Mas é dever dizer que ele fez Copa muito boa. Ao estilo dele. E indo além. Na derrota para Maradona, apenas dois lances ele perdeu para Diego. O do gol de Canniggia, entre eles... Mas jogou bem. Entregou tudo. E até bola na trave mandou. Não merecia ser mandado pro inferno como foi. Também por mim. E mereceu mesmo a volta por cima em 1994. Até como capitão. Calando bocas pela bola. E pela Copa erguida. Ainda que respondendo nas mesmas mas línguas às críticas que seguiram.

Alguns, como Gerson em 1970, e Dunga, em 1994, conseguem virar o jogo. Muitos, com e sem razão, acabam atropelados como Barbosa de 1950 por uma falha que não cometeu no Maracanazo. Embora ninguém mais do que ele sofreu como canarinho expiatório. Como uma nova leva vai levar nas costas e nas chances os problemas do Brasil e do universo. Até 2026.